

TRILHANDO OS CAMINHOS DE MNEMOSYNE: Relatório do IV Simpósio Brasileiro de Ética da Informação (SBEI) - Ética na comunicação científica em rede

Email:

ernardinafreire@gmail.com

isafreire@globo.com

fcpaletta@usp.br

adilson.pinto@ufsc.br

mfrancelin@yahoo.com.br

henry.poncio@gmail.com

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Isa Maria Freire, Francisco Carlos Paletta, Adilson Luiz Pinto, Marivalde Moacir Francelin, Henry Pôncio Cruz de Oliveira

“Quando a cidade que eu canto já não
mais existir, quando os homens para quem
canto já houverem desaparecido no esquecimento,
minhas palavras ainda perdurarão”
(PÍNDARO).

1 TECENDO OS FIOS DA MEMÓRIA

O poeta grego, autor da epígrafe introdutória deste relatório, imortalizado cinco séculos antes de Cristo deixa transparecer a ambição inicial de quem registra acontecimentos humanos, ou melhor, parece afirmar que os registros podem ser capazes de sobreviverem na luta inglória contra o esquecimento.

Nesse sentido, os textos são utilizados como lugar de memória, termo cunhado pelo historiador francês Pierre Nora, que o concebeu nas dimensões material, simbólica e funcional. Para o autor estes lugares são, essencialmente, de transição considerando que neles encontram-se a tripartição do tempo (passado, presente e futuro), e o papel da memória assenta-se numa espécie de ressignificação do tempo passado. Em síntese, como afirmou Nora (1987) na contra capa do Livro intitulado Ensaio de Ego-História, “tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a história que cada um fez e a história de que cada um é produto” (NORA, 1987).

O que está em evidência nesse relatório é o registro memorialístico dos saberes e fazeres, que se revelam na tônica discursiva dos palestrantes e debatedores durante a realização do IV Simpósio Brasileiro de Ética da Informação (SBEI), sobre a Ética na comunicação científica em rede, na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP – Auditório Safra, no dia 24 de maio de 2018 das 14h às 18h30, evento ocorrido no âmbito do 15º Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia, Sistemas de Informação, Ciência da Informação e Gestão da Automação (CONTECSI) e do IV Congresso Internacional em Tecnologia e Organização da Informação (TOI), em formato de mesa dialogada.

Este documento, portanto, se configura como o desejo de memória e a necessidade de um repertório do que deve ser lembrado no tear da Ética da Informação no Brasil, esforço que se encontra em sua Quarta Edição. Uma ação colaborativa de Grupos de Pesquisa do CNPq na área da Ciência da Informação, especialmente em tempos de aceleração constante do vivido. De

modo, que o presente relatório se revela ainda como uma espécie de diário da ciência e dos saberes científicos.

Apesar de ter suas raízes fincadas na universidade Federal da Paraíba, desde a segunda edição, ocorrida em 2016, o SBEI passou, naturalmente, a fazer parte do TOI sob a auspiciosa coordenação dos professores Dr. Edson Luiz Riccio, Dr. Francisco Carlos Paletta (ECA/USP) e Dra. Isa Maria Freire (DCI/PPGCI/UFPB) e coordenadora do Laboratório de Tecnologias Intelectuais (LTi), com o objetivo de discutir as Questões Éticas na Sociedade em Rede.

Em sua quarta edição, o SBEI centrou sua reflexão na temática “Ética na comunicação científica em rede”, adotando para tanto uma metodologia dialógica, sob a coordenação geral dos professores Francisco Carlos Paletta e Isa Maria Freire e, contando com a participação efetiva de membros dos seguintes grupos de pesquisa: Observatório do Mercado de Trabalho em Informação e Documentação (USP); Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação (UFPB); Epistemologia e Políticas de Informação (UFRJ); Inteligência, Tecnologia e Informação (UFSC); Informação e Inclusão Social (UFPB); Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (UFPB), com o apoio direto e efetivo do Laboratório de Tecnologias Intelectuais (LTi).

Seguindo o mesmo princípio que norteou o relatório do III SBEI a relatoria optou por seguir rigorosamente o fundamento em que se estava ancorada: o diálogo. Nesse sentido, o texto apresentado é um misto dos escritos e das falas apresentados pelos palestrantes. Tornando-se todos autores do mesmo, considerando que o relato se deu numa espécie de transcrição da apresentação original dos palestrantes e de seus interlocutores.

1.1 Palavras introdutórias ao IV SBEI

“De tudo, ficaram três coisas.../ A certeza de que estamos começando.../ A certeza de que é preciso continuar.../ A certeza de que podemos ser interrompidos/ antes de terminar.../ Fazemos da interrupção um caminho novo.../ Da queda, um passo de dança.../ Do medo, uma escada.../ Do sonho, uma ponte.../ Da procura, um encontro!”
(O Encontro Marcado, Fernando Sabino)

Foram as palavras de Fernando Sabino que encerraram o relatório do III SBEI. Uma espécie de chamamento para este novo e frutífero evento em 2018. Foi concatenado com o ideal de continuidade do debate que o Prof. Dr. Francisco Carlos Paletta, da Universidade de São Paulo (USP), Presidente do IV TOI, fez a abertura do IV SBEI dando as boas vindas a todos os participantes, e de modo objetivo apresentou um relato das motivações que geraram o Simpósio desde sua primeira edição.

Na sequência, o Prof. Dr. Francisco Carlos Paletta passou a fala para a Profa. Dra. Isa Maria Freire, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que, atuando como moderadora da mesa de diálogos explanou sobre sua participação neste SBEI desde sua primeira edição e na sequência fez a apresentação da mesa de diálogo “ÉTICA NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Em REDE”, ressaltando o nome dos participantes da mesa e suas respectivas funções, a saber: Prof.Dr. Adilson Luiz Pinto, dialogante (UFSC); Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin, dialogante (USP); Prof. Dr. Henry Pôncio de Oliveira, Redator (UFPB); Prof. Francisco Carlos Paletta, coordenador/dialogante (USP); Prof^aDr^a Isa Maria Freire, Coordenadora/Mediadora (UFPB); Profa. Bernardina Freire de Oliveira, relatora (UFPB) e Prof.Ms. Pablo Matias Bandeira, Gestor de Dados (UFPB).

1.2 O Processo da Ética na Mensuração da Ciência

Dando continuidade ao IV SBEI a professora Dr^a Isa Maria Freire convidou para compor a Mesa o professor Dr. Adilson Luiz Pinto, Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, assume ainda a função de Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq nível 2. O Professor estruturou sua narrativa em torno de subtemas como: ética, Métricas, Estudos Métricos, Produção Científica, Ética no Processo de Quantificação da Produção Científica.

Para tanto, o palestrante problematiza a temática central de sua fala a partir da ciência e seu processo de produção, considerando o momento denominado por ele de “ímpar” no mundo atual, especificamente se consideramos algumas situações que foram postas na gestão dos inputs e nos seus resultados (outputs).

Sob uma perspectiva histórica, somente os países desenvolvidos tiveram e investiram recursos financeiros para a geração da pesquisa, enquanto que os países em desenvolvimento nunca estipularam a ciência, e até mesmo a tecnologia, como prioridade no meio científico ao longo prazo, referindo-se a uma possível política de investimentos contínuos, sem cortes ou contingenciamentos orçamentários. Lembrando, todavia, a recente gestão Michel Temer 2016/2018, em que se confirma tal evidência com supostos cortes no orçamento das principais agências de fomento federal.

Em paralelo, para melhor gestão de recursos, independente se o país é desenvolvido ou em via de desenvolvimento, devesse determinar parâmetros para concessão de recursos aos projetos, seja por uma filosofia de capital/custeio aos mais produtivos, ou por subjetividade nos projetos. No caso brasileiro, este efeito está atrelado, infelizmente, a questões mais subjetivas.

Por outro lado, não se pode deixar de mencionar o modelo brasileiro de estrutura de aplicabilidade de indicadores em Ciência e Tecnologia (C&T) entre os anos 1990 e início de 2000 com os números gerados pelo Ministério de Ciência e Tecnologia da época, e posteriormente mantido para o controle da pesquisa nacional. Entretanto, este modelo apresenta algumas fragilidades em se tratando de aplicabilidade da ética na ciência; o uso desenfreado e inapropriado dos indicadores em C&T; a produção desproporcional para atender as agências que financiam a pesquisa nacional; uso de bases de dados internacionais para quantificar a produção

nacional, e; o debate sobre a ética no processo de quantificações da produção da comunicação científica, que não esvazia nem um pequeno fragmento das discussões sobre o tema.

Como primeiro ponto, temos a ética na ciência, que são os princípios e valores que orientam as ações de pessoas e o coletivo social, no nosso caso a sociedade científica, que tem uma política bem particular em agrupar áreas para que sejam avaliadas e até mesmo gerenciadas.

Para o dialogante o que parece mais promissor em órgãos de fomento seria a avaliação em separação, como Comunicação e Informação (para a Capes) e Ciências Sociais Aplicadas (para o CNPq), no qual existem áreas/campos completamente diferentes e com suas particularidades de publicações.

Outro cenário é a representação por sistemas estratificados que usam geralmente uma base de dados internacional, desprezando a literatura nacional ou até mesmo colocando como padrão metas que algumas áreas jamais conseguirão alcançar, como Turismo em relação às outras duas áreas, Administração e Contabilidade, em que estão agrupadas no Qualis/Capes. As revistas de Turismo serão sempre de segunda categoria pelo sistema e suas particularidades de publicação jamais serão exploradas. O efeito disso é que seus programas de Pós-Graduação raramente vão ser de excelência, alcançando notas 6 ou 7.

Seguindo o raciocínio temos uma consolidação das revistas científica, por ser mais fácil de avaliar (por fator de impacto e coisas desta natureza), e desconsiderando outras publicações vitais para determinadas áreas, a exemplo da produção em livro para a área da Filosofia; o trabalho apresentado em eventos para a área da Ciência da Computação, entre outras.

Por outro lado, temos que ser produtores de ciência em tempo integral, porém poucos disponibilizam seus dados para uma comprovação real dos seus resultados. Outra prática de disponibilizar os dados seria para reuso, compartilhamento e comprovação dos experimentos e coisas desta natureza. Infelizmente não é habitual a ciência se preocupar com a qualidade dos dados da pesquisa. O retorno disso são vários estudos fake, sem critérios e sem qualidade sendo produzidos, tudo em função de uma publicação desenfreada e sem disponibilidade da matéria de dados.

Não muito longe desta realidade, o processo massificador de publicação tende a ter muitos Cameo's, que consistem em autores que emprestam o nome para que o artigo científico seja aceito, prática que vem sendo replicada na sociedade científica, o mesmo trabalho com uma infinidade de autores, ressaltando-se evidentemente as peculiaridades de cada área. Para o palestrante o mais triste é que essas práticas parecem replicar-se no processo de orientações de mestrado e doutorado no país.

Dentro das normativas das publicações, existe uma infinidade de conteúdo sem licenças de consumo, inclusive de revistas de acesso aberto. Outro fato é a comercialização massiva do produto científico, como a Elsevier e outras editoras comerciais, a exemplo da Sage, Springer, Wiley, entre outras, que cobram do autor para publicar, para acessar o artigo e até mesmo para manter o trabalho em uma plataforma Open Access. Alguns países como: Alemanha, Bélgica e

Holanda estão buscando reverter esta política e até mesmo gerando um boicote a conteúdos publicados dessa forma entre a comunidade científica.

Na parte de menções ou citações o processo ético ganha contornos ainda mais agravantes, como: Uma política de autocitação (pessoal, institucional e até mesmo nacional) e uma política de trabalho em conjunto para gerar citações cruzadas, como foi o caso das quatro revistas brasileiras deflagradas pela Thompson Reuters (Clinics, Revista da Associação Médica Brasileira, Jornal Brasileiros de Pneumologia e Acta Ortopédica Brasileira); O uso equivocado de processos de citação para afirmar qualidade das publicações, como o caso do fator de impacto das revistas, que até mesmo seu criador, Engene Garfield não defendia a prática como o sistema apropriado visto que poderiam existir muitas falhas no sistemas, como citações cruzadas, autocitação e até mesmo uma sistemática de forçar os autores a citarem a revista para publicar nela mesmo.

Diante de problemática levantada, colocamos algumas possíveis soluções, (a) Aplicação por sistemas mais simples, como avaliar a produção por área e não por grupos de áreas, tentando solucionar problemas como o já relatado pelo Turismo em relação às áreas de Administração e Contabilidade; (b) Sistematizar a avaliação das áreas conforme suas características, como já vem sendo priorizado na Ciência da Computação com o Qualis Eventos. Esta prática poderia ser expandida a outras que consideram esta tipologia relevante; (c) Um cenário desconfortável enfrentado pela Ciência da Informação em razão de sua vinculação a Comunicação junto a Capes, nos traz sérios prejuízos uma vez que esta última área desconsidera os trabalhos apresentados em eventos como qualificados; (d) Finalmente, que sejam mensurados os trabalhos e não as revistas, visto que eticamente não é avaliada a revista na sua essência, mas os artigos que elevam sua qualidade. Nessa perspectiva há um equívoco nesta mensuração por falta de tempo, porém o que valoriza um trabalho são suas menções e não a revista em si. Claro que a revista pode colaborar bastante para isso, mas primeiro vem o trabalho e depois o meio de publicação/divulgação e não o contrário.

O processo não é simples, mas necessita de mudanças e o ponto chave é mensurar a qualidade do trabalho em primeiro lugar. Arelado a isso seria avaliar o trabalho em sistemas abertos, como o Google Acadêmico e/ou Plataforma Lattes, e não por sistemas internacionais (Web of Science, Scopus, Pró-Quest, Ebscoh entre outras), controladas por interesses que não dizem respeito à pesquisa nacional.

1.3 Ética da Informação na Literatura da Ciência da Informação: um diálogo inicial

Na sequência a mediadora convidou para compor a mesa e concedeu a palavra ao Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin, da Universidade de São Paulo (USP). O palestrante possui experiência na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, atuando principalmente nos

seguintes temas: Ciência da Informação; Biblioteconomia; Estudos epistemológicos e metodológicos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação; Pesquisa e metodologia do Trabalho Científico; Organização do Conhecimento; Organização e representação da informação; Estudos de informação; Teoria do conceito.

O Prof. Marivalde Francelin realizou sua apresentação tangenciando os seguintes tópicos: Ética, Comunicação Científica, Era Digital e finalizou com Reflexões Éticas aplicadas.

Para o palestrante o diálogo sobre a ética na comunicação científica, do ponto de vista aqui adotado, está relacionado à tradição científica ocidental. E assenta sua afirmativa em Meadows (1999, p. 3), “A pesquisa científica pode ser comunicada de várias formas, sendo que as duas mais importantes são a fala e a escrita.” Para o autor, a cultura oral e escrita dos gregos dos séculos V e IV a.C. marca, nas palavras do autor, os “primórdios da comunicação” científica. Ela ainda passaria pela revolução impressa do século XV, pelo surgimento das primeiras revistas científicas no século XVII até chegar ao desenvolvimento tecnológico do século XX.

Continuando afirma que em quase todos esses momentos existiram crises de pensamento e conflitos de opiniões explicitados em uma “dialética de longa duração” premissa defendida pelo francês Fernand Braudel. Dessa maneira, um processo histórico pode ser entendido como um processo de “dialeção”. Conceitos que não foram “dialecionados”, dizia Gaston Bachelard, devem ser vistos com desconfiança. Os conceitos precisam ser polemizados em universos contrários para que se convertam em possibilidades de relações entre características e categorias. Os conceitos não podem ser convertidos em imagens fixas e deterministas. Para tanto, adota a compreensão de dialética de Rendón Rojas (2015), ao afirmar que a dialética se institui pela coexistência dos contrários, isso a difere da dialética hegeliana e marxista.

Desse ponto de vista, a fundamentação lógica de uma disciplina pode ser apresentada a partir de uma análise de suas relações dialéticas. Para Rendón Rojas (2015), essas relações ocorrem entre os componentes teóricos das disciplinas. Dos elementos presentes nas disciplinas, uma série de categorias são relacionadas a partir de uma categoria primeira. Os demais elementos teóricos são, de acordo com autor adotado, inferidos no interior da disciplina a partir dessa primeira categoria ou “categoria primitiva”.

Em face desse entendimento ele afirma que os textos são marcas que representam ideias e pensamentos. De acordo com Freire (2014, p. 60), os indícios são “[...] fios conceituais com os quais tecemos um mapa [...]”. Nos textos escritos as marcas são palavras e termos que apresentam definições e conceitos que, aos olhos de um leitor atento, podem ter suas características como indícios e pistas para novas inferências. Muitas vezes, não se encontra o termo exato, mas as características presentes no texto fornecem as pistas e os indícios para uma inferência.

Para Adolfo Sánchez Vásquez, em seu livro *Ética* (2017) é necessário que se exponha a diversidade e as posições contrárias para tomar distância do ecletismo e se aproximar do ponto de vista crítico. Para o autor a doutrina ética não pode ser considerada isolada, mas

indiscutivelmente dentro de processo que envolve mudanças e sucessões capazes de construir sua própria história.

A ética da informação não pode ser considerada fora de sua história e processos de mudança. A informação absorve as teorias dos contextos nos quais é produzida e disseminada. De acordo com González de Gómez (2017) os estudos sobre a ética na Ciência da Informação dialogam com outras ciências, o que a conduz a analisar a ética num vasto contexto teórico da Ciência da Informação. No caso específico de nossa análise propomos um olhar mais restrito, ou melhor, centramos foco em um levantamento realizado na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). Na estratégia de busca adotamos o termo “ética da informação”, o que resultou em 25 textos, dos quais 17 foram selecionados. Para fins de análise levamos em consideração os mitos e teorias que expõem os seus contrários, perscrutando a ética da informação na Ciência da Informação. Os contextos que apresentamos permitem muitas perguntas teóricas, filosóficas, sociais e profissionais. Mas, como um exercício dialético, tentaremos agrupar essas questões em categorias baseadas nas abordagens encontradas.

Stumpf (2010) analisa os textos do primeiro Simpósio Brasileiro de Ética da Informação e trabalhos do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. De acordo com a autora, predomina a ética voltada às novas tecnologias de informação. Porém, destaca a necessidade de ampliação das abordagens e maior inserção do tema nos projetos pedagógicos da área.

A evolução das discussões teóricas sobre a ética da informação permite identificar avanços na pesquisa. Tomando a ética da informação como parâmetro, Medeiros (2017) desenvolve uma metodologia para analisar a Teoria Ator-Rede.

De um outro ponto de vista, a ética voltada para o gerenciamento de estoques de informação (MEDEIROS, 2015), coloca em questão o tratamento da informação de maneira crítica. A forma de tratamento e de disposição dos estoques de informação seria influenciada por questões morais. Por isso, é vislumbrada a relação dos estoques de informação com a sua comunidade usuária. O centro da análise não é a informação.

O texto de Passarelli (2014) aponta a ética como mediadora das relações entre humanos e agentes artificiais. A reconfiguração das relações sociais depende de um trabalho de direcionamento para a interface homem-máquina. Essas pesquisas visam a mediação da informação no contemporâneo “hiperconectado”.

Não estão fora do escopo analisado, os textos que falam do uso pró-social e antissocial da informação nas redes sociais. Faria et al (2013), descrevem os resultados de uma pesquisa netnográfica. Para os autores, uma atitude antissocial é uma atitude antiética e as atitudes pró-sociais são consideradas éticas. Por exemplo, compartilhar informações sobre uma “blitz” é antiético e compartilhar informações apoiando o “fluxo de trânsito” é ético. Na mesma linha de análise, Bezerra e Araújo (2008, 2011) fazem uma reflexão epistemológica sobre o “Orkut”. A pesquisa analisa uma rede social já desativada. O artigo aponta questões que podem ser

transferidas para outras redes sociais, como o desconhecimento dos impactos éticos, políticos, sociais e culturais dessas redes na realidade de seus usuários.

Diante de uma sociedade cada vez mais unida ao digital, Freire (2010b) destaca a necessidade de entender as tecnologias como “parceiras cognitivas dos humanos”. O comprometimento ético do profissional da informação visa a inclusão digital e a democratização do acesso à informação. Freire (2010a) também afirma, com base em Paul Otlet, Pierre Levy e Armand Mattelart, que a “universalidade do conhecimento” depende da ética.

Refletindo sobre a evolução das tecnologias da informação, Paletta e Silva (2017) ressaltam a importância de novas habilidades e competências do profissional da informação diante do “fenômeno” do Big Data.

É interessante notar que com o passar do tempo e a presença das tecnologias no contexto social, as análises deslocam-se da preocupação ética com a inclusão digital para as habilidades éticas no campo dos fenômenos tecnológicos. Os fenômenos não são mais exclusividade da natureza. Estes também fazem parte das tecnologias.

No campo disciplinar da Ética da Informação, Freire, Silva e Nascimento (2015) apresentam a ética no âmbito das virtudes. De acordo com o texto, existem virtudes que são representativas da prática bibliotecária. Assim, a “Mandala das Virtudes da Biblioteconomia” contempla as seguintes virtudes: coragem, tolerância, humildade, justiça, humor e amor.

Em outro texto, a ética é um problema moral. Partindo dessa afirmação, Frohmann (2015) considera que a ética da informação é tratada de um ponto de vista teórico “confortável”. O autor é contrário aos pressupostos e às prescrições éticas. Para ele, a ética da informação deveria ser uma ética da ação, sem regras. Frohmann, diz que a mediação tecnológica causa “desobrigação”. O contato mediado pelas tecnologias “amortecerá” ou “entorpecerá” os efeitos imediatos da “obrigação”. Nas palavras do autor, a “obrigação” está relacionada a um desastre factual.

As redes sociais são usadas para encontrar informações sobre outras pessoas. Segundo Fugazza e Saldanha (2017), a “investigação de dados pessoais” caracteriza a cultura da “transparência”.

Como reflexão final, propomos uma analogia entre a ideia de usar as redes sociais para encontrar informações sobre outras pessoas e a cultura da fofoca. A cultura da “fofoca” pode ter raízes que remontam até a revolução cognitiva dos sapiens, há mais de 70 mil anos. Usar a linguagem para falar uns dos outros permitiu que alianças fossem formadas entre os grupos e que as ameaças fossem eliminadas.

De acordo com YuvalNoahHarari, no livro *Sapiens: uma breve história da humanidade*, afirma que a linguagem evoluiu como fofoca. E reitera ainda que é muito importante para homens e mulheres descobrir em seu grupo de convivência quem odeia, quem dorme com quem, enfim... As pessoas sabem que a fofoca é uma cultura presente no dia a dia. Elas usam as informações coletadas na fofoca para a constituição de grupos sociais e para tomada de decisão nos mais variados níveis e contextos.

Harari (2017) acrescenta ainda que a comunicação humana em sua variada forma, seja e-mails, telefones ou outros em sua maioria se constitui de fofocas, isso inclui também as relações acadêmicas. Portanto, a “transparência” das redes sociais é caracterizada pela cultura de investigação da vida dos outros. Mas, lembra Harari, essa capacidade de comunicar informações vai além do real. Com a linguagem, o homem é capaz de criar coisas que não existem. O homem também consegue transmitir informações sobre essas coisas. Vendo por esse ângulo da história da humanidade compreende-se por que as pessoas têm atração e fascínio pelo inexistente.

Capurro (2011, 2012) demonstra preocupação com a ética nas redes sociais online e afirma que a “gestão cética do conhecimento” seria uma característica da sociedade da informação. É interessante notar que Capurro (2012, p. 157) define “liberdade” como “[...] o potencial aberto para indivíduos e grupos de esconder e revelar-se, o seu eu, em diferentes contextos e para diferentes fins, sendo, portanto, capaz de moldar quem eles são, foram e querem ser [...]”. Essa definição é muito próxima e até justifica o que ocorre nas redes sociais. Esconder-se e revelar-se como o próprio eu ou como o outro é comum no universo online. Seria, então, a liberdade uma permissão para o ocultar, mesmo que isso gere incerteza e má-conduta?

Capurro (2011) em outro de seus escritos define um cético como alguém que não possui critérios para distinguir opiniões verdadeiras e equivocadas ou falsas, ele o categoriza como um gestor do não-conhecimento. Nesse sentido, é significativo lembrar que a liberdade de ser o que se deseja, mesmo que isso implique um não-ser, não está diretamente relacionada ao uso dessa liberdade de “esconder-se” para o engano, a manipulação e a mentira. Mas, é justamente a mentira, a manipulação e o engano que vêm ganhando, cada vez mais notoriedade nas redes sociais.

Como ponto de reflexão, temos o profissional da informação, que de acordo com Oliveira e Freire (2015), tem um perfil ético, político e social. Para as autoras, a ética da informação é uma disciplina. Seu objetivo é formar profissionais comprometidos com a sociedade. A ética define o grau de comprometimento do profissional da informação. Como visto no início deste texto, com Sanchez Vasquez, as doutrinas éticas são consideradas em sucessão. Acrescentaríamos que essas sucessões precisam ser problematizadas. Como aponta Capurro (2017, p. 50, grifo do autor), “A ética da informação não é algo que se sobreponha de fora como um sistema ou um código de deveres e proibições morais, mas é, na verdade, uma problematização de tais normas e valores implícitos em códigos legais ou morais.”

Diante das discussões teóricas propomos então uma provocação assentada em uma problematização e uma pergunta: a ética em tempos recentes está preocupada com a desinformação no universo das fakenews e da pós-verdade (DUNKER et al, 2017)? Mediante tal questionamento, inferimos que a pós-verdade, a fabulação e a mentira, encontram-se no contexto de sucessão da pós-ética. Disso não temos dúvida. Então como podemos justificar a desinformação como um processo de sucessão caracterizado pela pós-informação?

1.4 Ética na Formação Profissional

Convidado a compor a mesa o professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Francisco Carlos Paletta, que atua nas áreas de Ciência da Informação, Administração Geração e Uso da Informação, Gestão de Dispositivos de Informação, e Bibliotecas Digitais. Membro filiado da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e American Library Association (ALA). Líder do Grupo de Pesquisa Observatório do Mercado de Trabalho em Informação e Documentação. Presidente da Comissão de Cultura e Extensão Universitária da Escola de Comunicações e Artes ECA/USP.

De posse da palavra o professor Francisco discutiu a temática Ética na Formação Profissional, refletindo questões éticas contemporâneas nos contextos profissionais, em específico destacando a ética na produção científica. Em específico abordou os temas: Ética, Ética Profissional, Era Digital, Redes de Colaboração e Produção do Conhecimento.

1.5 Reflexões sobre o IV SBEI

Tomando como foco central a Ética na comunicação científica em rede, reconhecemos que o IV SBEI, mais uma vez avançou nas discussões que enfrenta a sociedade contemporânea, sob uma perspectiva crítica da ética, suas apropriações e implicações. Visão que pode significar um novo olhar sobre a reflexão e a prática, os conceitos e tecnologias do campo da Ciência da Informação, uma abordagem que contemple a possibilidade de emergência de um projeto de inteligência coletiva e possa se traduzir em uma práxis que nos aproxime — o mais possível — das pessoas e grupos nos quais a informação que produzimos poderá se manifestar como possibilidade de conhecimento.

Por oportuno, vale destacar as interlocuções feitas entre os expositores e a plateia que parecem alinhar-se num campo profissional de tensões para quem lida com informação em razão das possibilidades de conectividade, o ciberespaço e as práticas humanas.

O IV SBEI atingiu os objetivos propostos num processo dialógico palestrantes e o público. Essa foi a proposta que se efetivou. Desse modo, concluímos com uma única certeza, o debate deve continuar, as reflexões devem nos provocar e quem sabe, possamos construir uma sociedade mais ética. Então, como expressa Cecília Meireles: Renova-te. Renasce em ti mesmo / Multiplica os teus olhos para verem mais / Multiplica os teus braços para semeares tudo / Destrói os olhos que tiverem visto / Cria outros para as visões novas / Destrói os braços que tiverem semeado, Para se esquecerem de colher / Sê sempre o mesmo. / Sempre outro. Mas sempre alto. / Sempre longe. / E dentro de tudo.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, M. A. A.; ARAÚJO, E. A.de. Reflexões epistemológicas no contexto do Orkut: ética da informação, sociabilidade, liberdade e identidade. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 16, n. 2, p. 50-66, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/709/924>>. Acesso em: 14 maio 2018.

BEZERRA, M. A. A.; ARAÚJO, E.A. de. Uma ética da informação para pensar o orkut: reflexões sobre a informação e a liberdade no contexto da sociedade da informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, PB, v. 18, n. 2, p. 207-218, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/1760/2132>>. Acesso em: 15 maio 2018.

CAPURRO, R. A liberdade na era digital. In: GONZALEZ DE GOMEZ, M. N.; CIANCONI, R. de B. (Org.). *Ética da Informação: perspectivas e desafios*. Niterói, RJ: PPGCI/UFF, 2017. p. 45-66.

CAPURRO, R. Gestão do conhecimento cético. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, PB, v. 1, n. 1, p. 4-14, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/10255/5622>>. Acesso em: 14 maio 2018.

CAPURRO, R. Questões éticas das redes sociais online na África. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, PB, v. 2, n. 2, p. 156-167, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/14417>>. Acesso em: 14 maio 2018.

DUNKER, C.et al. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre, RS: Dublinense, 207.

FARIAS, H. C. A. de et al. Ética da informação em redes sociais virtuais: um caso controverso de serviço de informação socialmente institucionalizado. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, PB, v. 3, n. 2, p. 244-258, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/15564/10008>>. Acesso em: 14 maio 2018.

FREIRE, I. M. A utopia planetária de Pierre Lévy. *INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, SP, v. 1, n. 2, p. 122-132, jul./dez. 2010a. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42324/45995>>. Acesso em: 15 maio 2018.

FREIRE, I. M. Reflexões sobre uma ética da informação na sociedade em rede. Ponto de Acesso, Salvador, BA, v. 4, n. 3, p. 113-133, dez. 2010b. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4518/3567>>. Acesso em: 14 maio 2018.

FREIRE, I. M. Sobre a temática “responsabilidade social” na literatura da Ciência da Informação indexada pela BRAPCI. Logeion: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 59-76, ago./fev. 2014.

FREIRE, I. M.; SILVA, A. L. de A.; NASCIMENTO, G. F. C. de L. A mandala das virtudes dos profissionais bibliotecários. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 78-93, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/347/401>>. Acesso em: 14 maio 2018.

FROHMANN, B. Almost against information ethics, with less from Caputo's obligation and Foucault's ethics of freedom (Quase contra ética da informação: lições a partir do conceito de obrigação em Caputo e da noção de liberdade em Foucault). Liinc em revista, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 329-338, nov. 2015. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3680/3120>>. Acesso em: 15 maio 2018.

FUGAZZA, G. Q.; SALDANHA, G. S. Privacidade, ética e informação: uma reflexão filosófica sobre os dilemas no contexto das redes sociais. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 91-101, set. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p91>>. Acesso em: 13 maio 2018.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. Reflexões sobre ética da informação: panorama contemporâneo. In: GONZALEZ DE GOMEZ, M. N.; CIANCONI, R. de B. (Org.). Ética da Informação: perspectivas e desafios. Niterói, RJ: PPGCI/UFF, 2017. p. 19-44.

HARARI, Y. N. Sapiens: uma breve história da humanidade. Tradução de Janaína Marcoantonio. 19. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

MANSO, B. L. de C. "O importante é observar a pluralidade de teorias da informação como algo positivo e característico de nossa época": entrevista com o professor Rafael Capurro. Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, PB, v. 24, n. 3, p. 175-183, set./dez. 2014. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/8f709d48d1d01cd0320caf3b57daffaf/1.pdf?pq-origsite=gscholar&cbl=2030753>>. Acesso em: 14 maio 2018.

MEADOWS, A. J. A comunicação científica. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MEDEIROS, J. da S. A ética da informação em simetria ontológica: notas para uma aproximação metodológica. *Comunicação & Informação*, Goiânia, GO, v. 20, n. 1, p. 4-25, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/45186>>. Acesso em: 13 maio 2018.

MEDEIROS, J. da S. Uma abordagem conceitual sobre garantias de representação da informação no gerenciamento da organização de estoques de informação como proposição ético-informacional. *Em Questão*, Porto Alegre, RS, v. 21, n. 3, p. 190-210, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/59340/36049>>. Acesso em: 14 maio 2018.

NORA, P. *Ensaio de Ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1987

OLIVEIRA, G. M. de; FREIRE, I. M. Sobre a ética da informação: uma experiência no ensino da arquivologia. *Archeion Online*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 99-117, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion/article/view/24792/13577>>. Acesso em: 14 maio 2018.

PALETTA, F. C.; SILVA, A. M. da. A complexidade da era digital desafia a ética. *Anais...ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XVIII*, Marília, SP. 2017. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/279/945>>. Acesso em: 14 maio 2018.

PASSARELLI, B. Mediação da informação no hibridismo contemporâneo: um breve estado da arte. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 43, n. 2, p. 231-240, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1406/1584>>. Acesso em: 14 maio 2018.

RENDÓN ROJAS, M. Á. La lógica del sistema categorial de labibliotecología y estudios de lainformación documental: um análisis dialéctico. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 49-68, mar./ago. 2015. ´

SÁNCHEZ VASQUEZ, Adolfo. *Ética*. Tradução de João Dell'Anna. 37. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

STUMPF, K. Abordagens recentes sobre ética no campo da Ciência da Informação no Brasil. DataGramaZero, v. 11, n. 6, dez. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2017/07/pdf_4e5bba0745_0000009508.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.